

Nota Introdutória sobre a Vida, a Obra e o Comentário de Marino

William de Siqueira Piauí
Professor do Departamento de
Filosofia e Letras da Universidade
Federal de Sergipe (DFL – UFS)
piauiusp@gmail.com

DOI 10.1515/kjps-2016-0009

Praticamente não há informação sobre a vida de Marino e provavelmente isso se deva, sobretudo, ao fato de poucos de seus trabalhos terem se conservado¹. Mais importante do que o uso da expressão “Ah, se tudo pudesse ser matemático!”, é lembrar que lhe foram atribuídos o *Comentário ao livro Dados de Euclides*²; uma biografia elogiosa de

¹ A partir dos fragmentos do texto *Vida de Isidoro*, vemos que seu discípulo Damásio (c. 458 a.C. – c. 538 a.C.) o apresenta como portador de “uma saúde delicada e mediacemente dotado”. Em seu estudo, Michaux o apresenta do seguinte modo: “Personagem aliás pouco marcante e que parece ter devido sua situação mais às circunstâncias do que aos seus dons naturais.” (1947, p. 11).

² Doravante apenas *Comentário*.

Proclo, conhecida como *A vida de Proclo*; e dois textos ou tratados astronômicos sobre a Via Láctea. Uma vez que nosso objeto de tradução é o *Comentário*, apresentamos aqui uma pequena nota introdutória sobre a vida e a obra desse autor; outras informações sobre o *Comentário* devem ser procuradas nas notas de rodapé que fizemos no desenvolvimento da tradução.

Para alguns historiadores, Marino nasceu por volta de 440 d.C. e morreu depois de 486 d.C. na cidade fundada pelos romanos em 72, cidade cujo nome, na época, era Flávia Neápolis, a “Nova cidade de Flávio”, em homenagem ao imperador Vespasiano (*Titus Flavius Vespasianus*)³. Para outros historiadores, entretanto, o nascimento e A morte de Marino estariam entre 450 e 500, estimativas que poderiam ser estendidas também para Isidoro de Alexandria (ou de Gaza) que, para alguns historiadores, teria morrido somente em 520.

Do mesmo modo que aconteceu com muitos de seus correligionários à época, é certo que se converteu ao helenismo e, no seu caso, há motivos que levam a acreditar que sua conversão estaria ligada aos benefícios que ela lhe traria. O fato é que, embora tenha sido perseguido pelos cristãos, ao filósofo de origem samaritana ou judia (não se sabe ao certo) foram concedidas vantagens ao entrar na Escola Neoplatônica de Atenas. Marino seguiu os cursos de Proclo e, por fim, tornou-se seu submestre (professor auxiliar), passando, então, a ensinar a filosofia neoplatônica. Quando Proclo, com cerca de 70 anos, teve de pensar em sua sucessão, os integrantes da escola de Atenas estavam divididos em duas correntes: a pró-aristotélica, representada pelas tendências peripatéticas de Marino, e a anti-aristotélica, representada pelas tendências “puramente” platônicas de Isidoro de Alexandria. Segundo Maurice Michaux (1947, p. 11), “a pessoa dos candidatos assumia afinal bem pouca importância: tratava-se, antes de tudo, de concretizar o espírito de ambos os partidos em dois homens nos quais se podia confiar”. No entanto, apesar das muitas divergências entre as duas correntes, das intrigas envolvendo

3 É interessante observar que essa cidade da Palestina, chamada de Nablus desde sua conquista e reconstrução pelos árabes em 636, chamava-se, antes da invasão romana, Siquém e foi a primeira capital do Reino de Israel.

a suposta inadequação de Marino para assumir o lugar de Proclo⁴ e da permanente e categórica oposição de Marino à corrente platônica pura durante toda sua atividade docente, o resultado da polêmica foi que, por volta de 484, com a morte de Proclo, o submestre Marino foi nomeado como seu sucessor; mesmo a despeito de seus opositores e a despeito de uma suposta necessidade de reunir em uma pessoa o espírito dos dois partidos.

Não se sabe a data exata ou as circunstâncias em que se deu a morte de Marino, mas diz-se que seu falecimento aconteceu após o retorno de seu principal opositor, Isidoro de Alexandria, para o meio de seus triunfantes partidários, ou melhor, após ter sido coagido a lhe oferecer sua sucessão. Não encontramos menções sobre ter sido um grande filósofo ou mesmo um grande homem, ao contrário, e justamente quanto ao que as fofocas se multiplicam, há indicações de que se sacrificava ao fazer oposição ao adversário: chegou a proteger Hégias que, embora não fosse aristotélico, parece ter feito oposição aos platônicos puros ao exagerar o misticismo platônico, fazendo dessa filosofia uma simples mântica. Neste espírito, alguns autores o consideraram “enfadonho” demais para se elevar a uma filosofia intuitiva, para os quais Marino parece ter sido obrigado a se limitar a “minúcias discursivas” que o vinculariam a um “formalismo lógico estreito”.

Mesmo com caracterizações tão negativas do autor – que em muitos casos se associam a opiniões difíceis de diferenciar daquele gênero de história anedótica praticado por um Diógenes Laércio e que não deveriam ser desvinculadas do fato que o fim da era mais fecunda da geometria grega certamente se deu com Apolônio de Perga, mais de 500 anos antes, portanto, de Marino –, a importância histórica do *Comentário* é óbvia e pode ser recuperada de muitos pontos de vista. Em primeiro lugar, trata-se de um comentário da difícil obra de Euclides *Sobre os dados*, escrito

⁴ Cf. Michaux: “Com a querela, começaram intrigas que não causam inveja a época alguma: Contra Marino foi invocada sua gastralgia, a hostilidade para com o arconte e, ara com o patrício Teágenes, que contava entre os benfeiteiros da Escola, mesmo uma revolta popular em Atenas forçou Marino a buscar sua salvação em uma fuga precipitada para Epidauro; chegou-se até a falar de uma visão de Proclo em favor do [termo grego] de Isidoro. Contudo, o verdadeiro motivo dessa oposição residia nos ataques peripatéticos de Marino.” (1947, p. 12).

mais de seis séculos depois e que foi preservado integralmente; o texto de Euclides já foi dos poucos tratados sobre os dados que se conservou; o próprio Marino lembra o tratado de Arquimedes que se perdeu e o de Pappus, este último tendo escrito também um comentário aos *Data*. Em segundo lugar, o texto de Marino parece ter sido escrito para servir de palestra ou, quem sabe, de aula inaugural, o que revela o tipo de ensino praticado na Escola Neoplatônica de Atenas e o tipo de público que a frequentava naquele momento; o que também nos permitiria entender a que ponto de fato alcançou a “missão de reavivar a curiosidade” matemática proposta por Pappus; e claro que isso tudo podia incluir algum posicionamento filosófico diante da divisão dos geômetras pró ou contra Platão e Aristóteles. Em terceiro lugar, o texto menciona não só os problemas já resolvidos e que ainda demandavam estudo como alguns ainda em aberto, mas também menciona alguma graduação das dificuldades que podiam ser encontradas nas obras de geômetras como Euclides, Arquimedes, Apolônio, Pappus, o próprio Proclo e muitos outros. Em quarto lugar, também é possível acompanhar a mudança da linguagem e vocabulário da geometria praticada na Escola Neoplatônica de Atenas com relação as suas origens, passados mais de seis séculos, bem como acompanhar um dos últimos registros de textos clássicos sobre matemática escritos em grego, tendo em vista que após uma complexa assimilação da matemática árabe e hindu será o latim a assumir tal prerrogativa. Em quinto lugar, se pensarmos na questão do gênero discursivo “comentário” com relação à parte da Geometria e na época em que Marino escreve, poderíamos compará-lo com o que Boécio estava fazendo com relação à parte da Lógica (aristotélica), inclusive quanto a tentar associar ou dissociar Platão e Aristóteles. E, para finalizarmos, a publicação da tradução do comentário feita em 1625 permite traçar uma linha mais contínua entre o *Sobre os dados* de Euclides e a Topologia atual, ou seja, graças a ela é possível associar menos abruptamente a obra euclidiana ao *Comentário*, este à *Analysis situs* de Leibniz (texto em que o alemão menciona a obra de Marino e de Euclides) e esta à hipergeometria de Poincaré (no texto em que menciona a obra de Leibniz).

Por fim, esperamos ficar claro para o leitor que os pontos de vista nos quais mais nos fixamos para elaborar as notas foram os três primeiros, por isso o cuidado que tivemos em fornecer dados sobre as obras

e s autores aos quais Marino parece se referir, bem como a preferência por certos problemas e a explicitação de alguma graduação quanto à dificuldade de algumas obras ou mesmo parte delas. Nas notas, tratamos também da estrutura do *Comentário* e dos assuntos principais que organizam suas partes; ali foram esses os nossos objetivos principais. Também deve ficar evidente que nem de longe pretendemos fazer uma tradução com um estudo crítico que se comparasse ou polemizasse com o excelente trabalho etimológico de Maurice Michaux; nosso trabalho está mais associado aos estudos que temos feito da obra matemática e lógica de Leibniz e à recente publicação da tradução de *Os elementos* para o português do Brasil, ou seja, nosso objetivo era manter aceso o interesse por traduções para o português de textos importantes que compõem a história da matemática, especialmente se eles podem contribuir para compreender o exato lugar na história da vasta e difícil obra leibniziana sobre matemática e lógica.

Referências:

- Michaux, Maurice (tradução e estudo crítico). *Le commentaire de Marinus aux Data d'Euclide*. Louvain: Bibliothèque de L'Université, 1947.